ɘɘbu

N°32
abril de 2008

ludov

Pato Fu e Fernanda Takai em Brasília

editorial & expediente

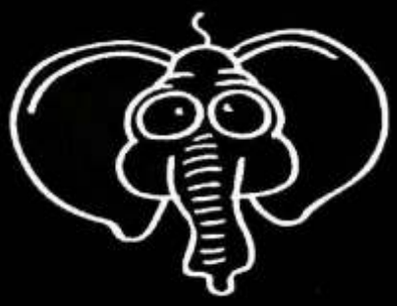
A edição passada (a do Secos e Molhados) foi considerada por alguns dos leitores como a melhor até agora. Rendeu elogios não apenas para a matéria da capa, mas atingiu boa repercussão com o texto sobre a Andross Editora, de Rúbia Cunha, e a entrevista de Leonardo de Moura com o desenhista Immonem, considerado um dos melhores do mundo na atualidade. Alguns adjetivos como "demais", "sensacional", "surpreendente" deram a tônica da repercussão. Immonem colocou a edição como um destaque em sua página na internet, e disse que a entrevista foi "refrescante" por evitar as perguntas que ele estava cansado de responder. Agora o que mais surpreendeu na edição passada é que o conteúdo foi mais elogiado que o visual.

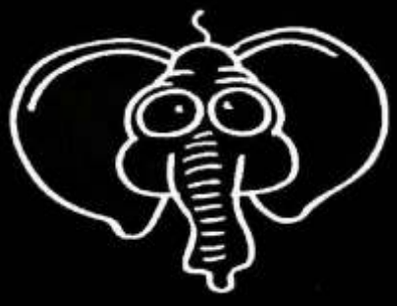
O Elebu, desde o início, sempre recebeu elogios quanto a parte gráfica. Isso leva a crer que ele conseguiu um padrão satisfatório. Claro que a preocupação em continuar a evolução dessa área nunca vai acabar. O visual bonito é um ponto positivo, claro.

Mas e o conteúdo? Penso que se há mais comentários para o visual do que para o conteúdo, é porque essa última parte (que é a principal) ainda deixa a desejar. Pode até ser uma interpretação radical do texto, só que a sensação é essa e não tenho como evitar.

Antes de mais nada, o desejo é atingir um bom padrão primeiro nos textos, que são os principais. Não é porque isso daqui é zine que o capricho deva ser menor. Acredito que muitas publicações sucumbiram e foram esquecidas por não ter o desejo da reinvenção e da excelência. Zine não é apenas um lugar para dizer uma frase esperta, fazer uma colagem engraçadinha ou um meio de conseguir uma credencial para um show. Acredito que zines são espaços alternativos para o desgastado jornalismo cultural dos periódicos comerciais sempre engessados pela agenda e por lançamentos. Essa meta sempre esteve na minha mente e talvez é chegado o momento de intensificar essa busca. O desafio é elevar o padrão e ao mesmo tempo preservar o estilo Elebu. Será que a gente consegue?

A respeito desta edição, ela está menor por uma questão de necessidade. É o descanso natural depois dos Secos e Molhados. Não é que os caras fizeram um furacão até por aqui?





ELEFANTE BU N° 32

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto divulgação com um arranjo bem legal feito no Corel.

COLABORADORES:

Georgiana Calimeris, Leonardo de Moura, Washington Ribeiro, Dewis Caldas, Rúbia Cunha e Marcelo Leite.

AGRADECIMENTOS:

Habacuque Lima, Laé de Souza, Rafael Coimbra, Marcelo Lemos, Bruno Brasmith.

BLOG PARA DOWNLOAD:

http://elefantebu.poraki.com.br

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

The Man Comes Around, Johnny Cash (é uma música sensacional de um cara que foi um gênio); *Objects Of My Afecttion*, Peter Bjorn and John; *Na Subida do Morro/Não Sou Mais Aquele*, Nilze Carvalho, Pedro Miranda e Pedro Paulo Malta (mais samba de morro que isso, impossível); *Acreditar*, Nilze Carvalho e D. Ivone Lara (música sensacional da D. Ivone. Mas acho que a Nilze tem muito pouco reconhecimento pela excelente cantora e, principalmente, instrumentista que é); *Melô do Marinheiro*, Paralamas do Sucesso; *O Mundo*, Karnak; *Sweet Rose*, Matt Costa; *Who Are You*, The Who (sim, tenho visto muito CSI)

Ziniando/ Capa:

Ludov

Pato Fu:

Pato Fu
Fernanda Takai
Rotomusic de Liquidificapum

Para Ouvir (ou não):

Kate Nash
Vanessa da Mata

Conexão Hellcity:

Prêmio Hellcity e etc...

O Guia:

O dia já vem...
Lebre Branca
Resgate à Leitura

Para Ver:

Planeta Selvagem

Mundo Geek:

Heresias

sumário

na sombra dos 30

Djenane Arraes
Fotos: Marcelo Lemos

Foram três anos de jejum. Cinco, se for contar o último show solo e completo do Pato Fu que tive o prazer de presenciar. O reencontro entre eu, a fã, e a banda lá no palco aconteceu no dia 20 de março, no Centro Comunitário da Universidade de Brasília (UnB). Um viva para a galera da Móveis Coloniais de Acajú pelo projeto que é dos mais bacanas da cidade, o *Móveis Convida*.

Foi um dia diferente. Minha percepção para esse tipo de evento mudou, fiquei mais velha e passei a observar as coisas com mais atenção. Talvez seja a casa dos 30 se aproximando, um marco que todos comentam, mas é preciso sentir na pele para entender. A primeira constatação é que a turma inicial de Brasília/Goiânia, fã da banda e que se conheceu em função dela, está diferente. A maioria não faz mais questão de marcar presença, o que não quer dizer que tenha deixado de gostar. As prioridades é que são outras. Restaram eu e mais alguns outros resistentes.

A segunda constatação é que observar a muvuca passou a ser bem mais interessante do que estar nela. E a multidão de jovens que foi à UnB não é diferente da minha geração. Entre outras coisas, ainda toma-se vodca misturada com coca-cola e se calça All Star. A maior mudança entre tipos e tribos é que nunca tinha visto tantos emos ao meu redor. E eles dançaram quadrilha ao som da Cravo Carbono, de Belém do Pará, a banda que abriu a noite. Essa merecia um capítulo à parte. Foi selecionada por algum meio que envolveu o Senhor F. O som até que é gostoso, só que 20 minutos de música falando "viva o super nada" e "aê", irrita. No final, surgiram as irônias do tipo "estão aquecendo para a Ivete Sangalo" ou "a próxima música é uma vinheta de apenas oito minutos". Taí uma galera que não pode pensar em falar mal do axé.

A próxima a subir ao palco foi a veterana brasiliense Bois de Gerião. Enquanto a galera tocava, percebi algo inusitado: vi Jesus em vestes simples e sandália de tirinha, dessas vendidas em feira hippie. Estava com um cigarro numa mão e um copo de água mineral na outra. Quem sabe transformando o líquido em vinho em sua garganta. Foi uma revelação. Se Jesus estava entre os emos, é porque ainda há salvação.

Faltava poucos minutos para o Pato Fu entrar quando fiz a terceira constatação: foi-se o tempo que só assistia show deles o mais próximo que poderia ficar do palco. Deixo isso agora para os novos fãs, aqueles com o espírito tiete ainda não saciado. Preferi o conforto do "camarote vip", que ficava numa plataforma já fora da área do público. Agradecimentos ao Beto, flauta e backvocal da Móveis, pela imensa gentileza. O camarote não tinha banquinho para sentar, ficava longe do palco, mas a visão era privilegiada. Foi ótimo. Consegui ver, pela primeira vez, toda a banda no palco.

Gostei de alguns momentos distintos. Pulei com *Gimme 30*, música do *Rotomusic*, me emocionei com o público cantando *Sobre o Tempo* sob regência de Fernanda, com John no violão - mas achei desnecessária a retomada da banda para a segunda parte porque quebrou o clima. E depois da nova versão do *Capetão* - que nunca gostei - veio *Imperfeito*. O discurso é que depois de uma música dos infernos, que se fale de amor para redimir. A verdade é que se pode cantar muitas coisas: diabo, deus, guerras, desilusões, non-sense, raiva, rompimentos, derrotas, vitórias. Mas as melhores canções ainda são as que falam de

amor, e com o Pato Fu não é diferente.

Parte da Móveis Coloniais de Acajú subiu ao palco para tocar *Vivo Num Morro*. Tomaram conta do lugar de forma positiva. Levaram o improviso para o show, uma coisa salutar. A mudança de rotina no Pato Fu foi providencial, porque percebi - e sim, isso é uma crítica - que ainda se usa diálogos com a platéia e sequências no repertório de três anos atrás. Além disso, há no setlist um repertório que parece ser fixo desde o *Ruído Rosa*. Como isso pode ser bom? É preciso reciclar um pouco.

De modo geral, foi um show morno. O público vibrava nas canções das rádios e das novelas, e tinha reações tímidas com as demais, mas isso é normal. O problema vinha de cima do palco com a banda sem mostrar o brilho habitual. Para piorar, o Pato Fu não terminou o show. O "bis", que deveria ter *Woo!* e *Uh Uh Uh Lá Lá Lá Ié Ié*, foi decepado sem dó. Ficou aquela impressão estranha de "alguma coisa deu errado". Fontes explicaram algumas razões para o corte súbito, mas todas levam a seguinte pergunta: e o que o público tem com isso?

Acho que a sombra dos 30 me deixou mais exigente a ponto de achar que esse foi o pior show do Pato Fu em onze anos. Terminou e não me senti feliz. Mas é claro que um monte saiu satisfeito. Lá do tal camarote pude ver Jesus curtindo o som. E ele se amarrou no *Capetão*.

Ah sim, o show da Móveis... foi sensacional como sempre. Esses meninos merecem ir longe. E a Fernanda fez uma participação bacana em *Menina Moça*. Quem sabe na próxima a crítica melhora?

Jesus no meio da platéia

Fotos: Djenane Arraes

a semana seguinte

A cantora Fernanda Takai em bela perfomance em Brasília

Fernanda Takai se expôs para uma platéia difícil e talvez ela nem tenha a consciência do tamanho do muro que escalou. Estava ali no Espaço Brasil Telecom, no hotel Blue Tree, o temido e seletivo público da elite brasiliense - a palavra elite aqui se aplica em vários sentidos - aquele com fama de ser oito ou oitenta. Ele consegue gelar com autoridade um espetáculo teatral que não caia no seu gosto, vaiar com veemência um filme no festival não importa o quão famosos sejam as pessoas responsáveis, aplaudir por educação um show de tal forma que faria o artista querer abandonar o palco e ir tomar um porre em algum lugar. O brasiliense é aquele cara com fama de ser tão individualista e frio, que muita gente ama o fato de que na cidade o povo não fala "bom-dia" para o vizinho. Em compensação, quando gosta, se entrega de verdade, vai abaixo, é capaz de aplaudir fácil uma pessoa por 15 minutos sem interrupção, faz demonstrações de amor incríveis. E a senhora Takai saiu da cidade consagrada na sua primeira passagem da turnê solo *Onde Brilhem Os Olhos Teus*, onde homenageia a Nara Leão.

O show, marcado paras às 21h, começou com trinta minutos de atraso. Tudo bem porque as pessoas sempre chegam em cima da hora. Nesse caso, começar um pouco fora do tempo foi providencial para que o pequeno teatro pudesse ter quase todos os seus lugares ocupados. Houve pequenas manifestações da platéia para pressionar o início que foram logo reprimidas com outros avisos de "fica na tua" ou simplesmente ignorados pela maioria. A jovialidade passava longe o que não era um bom sinal. Logo após a propagada institucional do patrocinador do evento, o cenário do espetáculo foi revelado. Fundo de círculos brancos como um jogo de dots, músicos em

Fernanda com o baixista Thiago Braga ao fundo

Lulu Camargo em ação durante Luz Negra

posições simétricas com o microfone da artista solo ao centro e à frente. A iluminação azul escura já denunciava que elegância e simplicidade andariam de mãos dadas.

A banda entrou, Fernanda entrou e o primeiro momento do show foi ao som de aplausos educados, tímidos. Sinal amarelo. Mas ali estava uma artista com mais de 15 anos de experiência e tremenda capacidade de comunicação. No bate-papo de Fernanda, o gelo passou, a distância encurtou e a face "80" de Brasília foi revelada. "Alguém conhece o Gil? Queria mandar um CD para ele. Ele não disse se gostou da música", brincou. O Chico e o Caetano também não se manifestaram, de acordo com a cantora (e não vocalista) Fernanda Takai. Disse que o Roberto Carlos foi legal em liberar *Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabelos*, música protagonista do grande momento da noite, mas espera que ele não encrenque com *O Divã*, a mais densa da carreira do suposto rei que foi incluída de forma surpreendente no espetáculo. Bobagem Fernanda. É capaz de você aparecer naquele especial de fim de ano da Globo cantando ao lado dele.

Todas as músicas do disco *Onde Brilhe Os Olhos Teus* foram organizadas de forma sábia onde os momentos mais densos tivessem bom equilíbrio com os mais suaves. *Estrada do Sol*, um poema de Dolores Duran musicado por Jobim nem sempre muito lembrado foi sucedido por *Ordinary World*, do Duran Duran, que de poesia não tem nada mas todo mundo já ouviu em alguma ocasião... e gostou. Música brega de Evaldo Braga ganhou profundidade e autoridade (para quem não o conhece, é o cara do "sorria, meu bem, sorria..."). Tinha até música para dançar, mesmo que confinado na poltrona. O disco já trazia

Marta Portugal é revelação na bateria e nos vocais

Seja o Meu Céu, de Robertinho do Recife e Capinam. Ganhou companhia com *Sinhá Pureza*, de Pinduca, num carimbó que fez cair o queixo de tão boa que ficou. Olha que se trata de um clássico do Norte regravado até pelo Mastruz com Leite. A versão de Fernanda Takai tem sim apelo popular, ora pois, só que um toque mais chique. “Vou ensinar a sinhá pureza/ a dançar meu sirimbó/ sirimbó que remexe, mexe/ sirimbó da minha vovó”.

Com mais ou menos participação da platéia, todo momento teve o seu encanto, até mesmo a versão em japonês de *O Barquinho*. Percebeu aí uma leve alfinetada? Acertou. O novo arranjo para a música ficou maravilhoso, bem o jeito do Pato Fu (essa é a parte do encanto), mas qual é o sentido cantar uma música conhecida (e linda) em japonês no Brasil para encerrar um show? Se estivesse no exterior onde japonês e português é quase a mesma coisa, tudo bem. Todo mundo poderia sair do teatro cantando "beija o barco e luz dias tão azuis", mas teve de se contentar com "toshiguás". Quando tentou levantar o "o barquinho vai, a tardinha cai", aí já tinha caído. Essa foi a parte questionável de um show quase impecável.

Fernanda foi ovacionada pelas cerca de 400 pessoas do pequeno teatro (era a lotação máxima). Merece todos os aplausos de pé para um projeto tão bonito. E todos esses elogios, devem ser extendidos a John Ulhoa e Lulu Camargo por serem os grandes maestros da obra. Fernanda admitiu mais uma vez no seu papo com o público que resistiu encarar um projeto solo por medo de prejudicar o Pato Fu. O temor faz todo sentido. Ela ficou maior na MPB. Tornou-se uma diva.

Se o futuro a Deus pertence, uma certeza que ela tem agora é que com ou sem Pato Fu, Fernanda vai continuar a trilhar numa carreira muito bonita.

Toda a discrição de John Ulhoa não esconde seu estilo único nos violões

A Ludov é banda das mais interessantes. Nasceu independente, herdeira da Maybees, que cantou o melhor inglês entre todas as outras que existiram no final da década de 90. Também trouxe uma idéia de trabalho estético e cuidado com a música diferentes da percepção da maioria. Se era para fazer, que fosse bem-feito. O primeiro disco, O Exercício das Pequenas Coisas*, chegou pela Deckdisk, gravadora que está num patamar intermediário entre o mainstream e o independente. Dalí saíram os sucessos nacionais* Kriptonita *e* Princesa*. Se a Ludov já trouxe consigo o público fiel da Maybees, o número de fãs aumentou substancialmente em português. Os muitos que acompanham o trabalho de Vanessa Krongold, Habacuque Lima, Mauro Motoki e Paulo "Chapolim" Rocha, ajudaram a transformar a Ludov numa das bandas mais respeitadas e queridas do dito meio independente nacional. Moral que não se abalou nem com possíveis preconceitos que poderiam ter sidos gerados ao fazer versão de What I've Been Looking For, da série pré-teen High School Musical. Pudera: a música original não era ruim, além disso a Ludov conseguiu dar sofisticação nos pequenos espaços que a Disney permitiu. Ano passado lançaram* Disco Paralelo *pela Mondo77, que tem* Urbana *e* Refúgio *como as canções mais populares. O Elebu falou com o conterrâneo brasiliense Habacuque Lima.*

em plena sintonia

Da esquerda para a direita: Paulo "Chapolim" Rocha (bateria), Habacuque Lima (baixo), Vanessa Krongold (vocal) e Mauro Motoki (guitarra).

Elebu - Como foi fazer música para o High School Musical?

Habacuque Lima - Foi um convite da Disney que aceitamos com muita alegria. Principalmente por ser algo tão novo pra gente: participar de uma trilha sonora, fazer uma versão de uma música já existente, fazer uma música sob encomenda. A construção do arranjo e a gravação da versão final foi muito rápida, mas mesmo assim ficamos bem satisfeitos com o resultado. Eu adoro tocar aquela música.

Elebu - Encarar um projeto com veia pré-adolescente (HSM) fez com o público da Disney dessa faixa etária se aproximasse com o som de Disco Paralelo, que é bem mais crescido?

Habacuque - O Disco Paralelo veio depois, né? A gente sabia que a música da Disney era de uma levada bem diferente do disco que estávamos compondo, mas é bom dar oportunidade às crianças de ouvirem o *Disco Paralelo*, e também aos fãs do novo disco de ouvirem músicas mais tranqüilas.

Elebu - O que foi mais interessante em fazer parte da divulgação do trabalho em canais da TV por assinatura?

Habacuque - Acho que você está falando sobre o trabalho do HSM no DisneyChannel, certo? Se for isso, o que eu posso dizer é que o público do canal é bem mais amplo que o nosso, que nos permitiu alcançar muito mais gente, pais e filhos. Muitas vezes encontramos pessoas que dizem que seus filhos nos assistem frequentemente no canal da Disney. Isso é, assistem ao clipe da música que foi gravada pro HSM.

Elebu - Mas eu não me referia ao HSM e nem à Disney em específico. Falo também de uma MTV que não é um canal aberto em todos os estados, de uma Multishow (que ao meu ver, hoje, é muito mais atraente que a MTV), do Nick, vocês tiveram uma música servindo de vinheta na Fox. É esse tipo de coisa que me referia e vocês apareceram bem nesses locais.

Habacuque - Sobre outros canais de TV a cabo (em algumas cidades a MTV é canal fechado, certo?) posso dizer que nunca fizemos um esforço consciente privilegiando a TV a cabo à convencional. A TV aberta seria muito mais interessante, pela abrangência nacional. Estar em TV sempre ajuda muito um artista, seja ela qual for. Até onde lembro fizemos o programa do Edgar no Multishow, um programa que a Bianca (Leela) apresenta na Nick, e as aparições no Disney Channel (além, obviamente, da MTV). Certa vez o canal Fox nos pediu para usar a música Kriptonita como trilha de uma propaganda das séries deles. Os fãs reconheceram a música, mas pra quem não era fã aquilo era só trilha de fundo mesmo. Pelo menos ficou bem bonito! Concordo que o Multishow parece ser bem mais atraente para a música hoje, mas é com certeza mais restrito, tanto pelo tipo de música que passa lá (dificilmente algum clipe nosso passa no Multishow, estão mais de olho nessa MPB/Trama e pop internacional), quanto pela quantidade de telespectadores em relação à MTV.

Elebu - No que trabalhar com um produtor do calibre do Chico Neves contribuiu no amadurecimento da sonoridade do Ludov?

Habacuque - A gente saiu de São Paulo com as músicas e arranjos muito definidos, mas esperando que o Chico modificasse as coisas. O papel mais importante que ele fez foi o de nos passar a confiança necessária para acreditar que aqueles arranjos eram realmente o que o disco necessitava.

Elebu - De certa forma, não dá para negar a forte influência do Los Hermanos entre as bandas. Muita gente começou a traçar caminhos semelhantes, em especial quando diz respeito à mescla do que é considerado rock alternativo com a MPB. Não dá para deixar de pensar que o Ludov também possa ter recebido essa influência no segundo disco. Isso é uma verdade? Qual a sua opinião a respeito dessa massa de bandas que entraram numa onda "los hermânica"?

Habacuque - Acho que temos recebido essa influencia desde nossos primeiros discos, mesmo que naquele tempo eles mesmos estivessem procurando sua própria sonoridade. O que quero dizer é que o universo (das artes, ciências, etc) anda em paralelo. As coisas acontecem simultaneamente e uma idéia no ar é idéia de todos. Quantas vezes um avanço científico ocorrido em um país já tinha sido alcançado em outro dias ou horas antes? É claro que, ao acertar o seu caminho, Los Hermanos clarearam muitas áreas musicalmente falando. Assim como o fez Caetano Veloso, assim como o fizeram os Beatles. E eu acho é bom que haja tantas bandas aproveitando para tentar seguir adiante nas infinitas possibilidades disponíveis.

Elebu - Por que *Sintonia* não entrou no disco, uma vez que teve uma recepção tão boa?

Habacuque - Porque era uma música de meio de caminho mesmo. Quando fechamos o repertório para a gravação do disco (que tinha 13 ou 14 músicas então) *Sintonia* nem entrou. Não fazia parte do que queríamos no *Disco Paralelo*.

Elebu - A promoção dos fãs fazerem o clipe de "Sintonia" para divulgar no YouTube foi bem interessante. Você acha que o Youtube hoje é o melhor lugar para se promover e divulgar clipes, uma vez que MTV e outros meios tem outras prioridades?

Habacuque - A internet em geral é ótima

para divulgação. O problema é que o alcance dela ainda é muito pequeno. Não em distâncias, evidentemente, mas em quantidade de pessoas. Nesse sentido, a MTV continua a ser muito mais forte. As rádios de rede nacional são muito mais fortes. Mas como existe uma dificuldade grande em entrar na programação de uma ou de outra, a internet torna-se um meio gratuito e bastante eficiente.

Elebu - E pelo tipo de música que vocês fazem, com os artistas que vocês se relacionam, é possível dizer que o Ludov tem uma turma? Qual seria ela?

Habacuque - Não sei se pelo tipo de música, mas temos nossa turma de amigos sim, claro. Tem o pessoal da Poléxia em Curitiba, o pessoal da Rádio de Outono em Recife, os Autoramas e o Banzé que são da Mondo77 (nossa gravadora), e o pessoal que tá sempre junto conosco porque ensaiamos no mesmo estúdio e somos mesmo muito próximos: Seychelles e MammaCadela. Mas não temos um grupo fechado, como uma panelinha.

Elebu - Para encerrar, você tem um projeto musical chamado Organismo. Qual é desse projeto? Fale um pouco dele!

Habacuque - Organismo são algumas músicas que eu fiz em um período que estava aprendendo a mexer com programações eletrônicas. Acho que hoje já soa antiquado. Vamos ver sem em breve começo de novo o Organismo com outras idéias. Normalmente são idéias que não têm tempo no Ludov, ou que eu tenho vontade de realizar logo. Fora isso tem o LIGA LEVE, que é um projeto meu com o Mauro Motoki e o Fabio Pinczowski. Esse ainda é bastante ativo, lançou um disco com seis músicas ano passado e deve lançar mais um esse ano. Se quiser ouvir: www.mondo77.fm/ligaleve

para ouvir (ou não)

Kate Nash - *Made Of Bricks*

Tinha uma propaganda estrangeira de uma escola de idiomas que achava um barato. Era uma família que ligava o rádio do carro e começava a curtir uma música em inglês que na verdade era um monte de palavrões. Como eles não entendiam, estava tudo bem. Acho que esse tipo de ignorância, em especial do público estrangeiro, vem bem a calhar para certas bandas e artistas. É só investir numa melodia legal, cantar bonitinho e vamos lá. Fico imaginando as pessoas conservadoras ou os que se chocam com facilidade balançando a cabeça com uma música da Amy Winehouse, antes dela aparecer toda semana na mídia por conta de algum escândalo. A moça lá cantando a respeito do pinto molhado do amante, ou da maconha, e o povo adorando.

Penso na Kate Nash. Com ela deve ser a mesma coisa. Escute o disco *Made Of Bricks* sem prestar atenção nas letras e terá uma cantora com uma voz bonitinha, um sotaque esquisito, fazendo uma música legal. Dá para colocar em festinhas e ainda é boa o suficiente para as rodas alternativas. Se você for até aí, vai encontrar uma candidata a artista forte da nova geração do pop inglês. Problema é prestar atenção no que ela diz. A Winehouse, com todo o seu desbocado, ainda faz construções interessantes. São letras boas - ainda que não dê para chamar de poético. A Nash não. Vai falar "nada que se aproveite" assim lá na China. Até cocô do pombo entra na roda.

Kate Nash é irlandesa de nascimento, mas foi criada no Harrow, um bairro londrino de classe-média. Sabe-se lá porque razão, achou que seria legal cantar como uma cockney, que diz respeito aos que vivem ou são originais de East End, uma região reduto do operariado da capital inglesa. Cockney é um sotaque forte e cheio de peculiaridades e gírias que o faz ser considerado um dialeto urbano. Vai ver que é moda, uma versão britânica do jeito de falar do gueto norte-americano. Até a Lily Allen, a qual Nash é comparada, canta assim. A mesmíssima Allen foi a que lançou ao estrelato com um comentário casual sobre o que ouvia por aqueles dias. Até então, Nash era uma moça de EPs, mas a publicidade gratuita acelerou o lançamento de *Made Of Bricks*. O disco foi espinafrado pelo jornal The Independent. Disse que era o principal candidato a pior do ano e que "comparada a ela (Nash), Lily Allen parece um talento multifacetado capaz de cantar e compor propriamente uma canção".

Há exagero na crítica do The Independent. O disco não é ruim como um todo, e nem Kate Nash é má cantora. A verdade é que a composição compromete bastante. Sempre com letras quilométricas a respeito do nada que muitas vezes são mais faladas que cantadas. Nash parece uma pós-adolescente que se acha descolada e cool. Só que tem que comer muito feijão. Mas a música não é só letra ou a eletrônica nem poderia ser considerada como tal. *Fundations* - aquela onde o namorado a manda chupar limão e a chama de vaca na frente dos amigos - tem ritmo bem legal, bons arranjos e um teclado pode não ter nada de genial, mas é charmoso. Isso tem de ser considerado sim. Por outro lado, o fato de *Made Of Brinks* ter atingido o topo das paradas britânicas e *Fundations* ter sido o segundo single mais vendido do ano passado foi um ganho na carreira de Kate Nash além do que o seu produto de fato vale.

Mas ainda há salvação. Nash fez algumas coisas novas e covers como o *Seven Nation Army*, do White Stripes, onde se acredita que as coisas vão melhorar. Talvez seja uma questão de amadurecimento, afinal.

Vanessa da Mata - *Sim*

Fugiu Com a Novela parece coisa do Jorge Ben (sem Jor). Tem ginga, malandragem, é espirituosa e masculina. "Eu vivia no jogo, ela me esperava/ Quando pedia fogo ela não negava/ Se eu tivesse outra ela achava bom". Nunca deixa de ser uma surpresa saber que a composição é de Vanessa da Mata. Por outro lado, se Chico dá voz à mulher, porque não uma não pode fazer algo de visão masculina? De todas as escolas que se criou para classificar as cantoras em grupos de estilos, Vanessa da Mata é a melhor representante daquela espelhada na Marisa Monte. Faz MPBPop que agrada a crítica e gente normal, procura fazer um trabalho com forte cunho autoral, mas quando o trabalho é de intérprete, daí ela costuma se apropriar da obra alheia com uma versão melhor. Além disso, é boa vendedora de discos e de hits sem precisar expor a sua imagem de forma que pudesse provocar saturação.

Sim, terceiro disco da cantora, está há 44 semanas na lista dos 30 discos mais vendidos, de acordo com o site Hot100Brasil que monitora e faz uma lista semanal dos discos vendidos e das músicas mais tocadas no país. Na semana até o dia 29 de março, foi o 5° mais vendido, chegando a ser o 2° mais. Vendas impulsionadas por *Boa Sorte/Good Luck* com participação de Ben Harper. A música atingiu o topo semanal das paradas brasileiras, além de ser a terceira mais tocada no país em 2007. Até 29 de março ocupou a 33° posição. Tem os bobos que gostam de diminuir alguém por conta do sucesso. Mas a popularidade de Vanessa com uma música de grande qualidade no meio de tanta porcaria é como uma luz no fim do túnel e isso merece sim ser celebrado.

Vanessa tem o mérito de escolher bem com quem trabalha. Chamou Kassin para a produção, o mais novo Midas da área. Ainda convidou gente bacana para fazer parcerias, como Dom Chacal, Pupillo, Fernando Catatau (Cidadão Instigado) e João Donato, além do próprio Harper. Gravou no Brasil e na Jamaica e daí se entende a inclinação reggae em algumas faixas. É assim a de abertura, *Vermelho*, a ecológica *Absurdo* e a romântica levemente sensual *Ilegais*.

O bacana é que ela não faz do estilo uma tônica do seu trabalho e não se prende numa fórmula que poderia deixar a sua obra cansativa. O que faz é usar fórmulas que permitam uma faixa dialogar com a outra, o que é uma solução bem interessante. *Fugiu com a Novela*, por exemplo, remete a *Quando Um Homem Tem Uma Mangueira no Quintal* pelo humor da letra e o sambinha que se aproxima de Jorge Ben. Mas há uma distância na seqüência que contribui para uma quebra de ritmo, que não permite o ouvinte a viciar numa determinada sonoridade. Outro ponto forte de Vanessa e do disco *Sim*, em específico, é o não repetir temas. Fala de capim dourado com a mesma naturalidade que faz ode a um homem num bolerão.

De todas as "divas" da MPB que estão aparecendo nesta segunda metade de década, Vanessa é a mais bem-sucedida com todos os méritos. Parece que a escola Marisa Monte comprovou sua eficácia em outros modelos, afinal.

Pato Fu - *Rotomusic de Liquidificapum*

Bruno Brasmith

Parece que o tempo "mano velho", é mesmo o senhor da razão. Depois de exatos 15 anos, será relançado o álbum *Rotomusic de Luquidificapum*, com remasterização e faixas extras. E já estava na hora do disco mais flamejante da banda voltar à tona, principalmente nos dias de hoje em que o Pato Fu parece ter esquecido de botar a tampa na garrafa do djorous, deixando o gás escapar.

Em 1993, eu tinha treze anos e era o típico roqueirinho adolescente da época (bem mais apurado que os de hoje em dia), ouvia muito rock nacional, Smiths e as novidades que surgiam. Sempre a noite, eu ficava trocando de estação, entre as três rádios que ouvia (Cidade, Transamérica e Cultura FMs), elas ficavam em sequência uma da outra e eram as minhas principais fornecedoras de conhecimento musical, já que não comprava discos e somente gravava muitas fitas cassetes. Numa noite dessas, na Rádio Cultura, escutei um refrãozinho muito interessante com vocais desconcertantes. "O terror é popular pois é espetacular", foi o que ficou gravado na minha cabeça. A princípio jurava que era uma banda bem antiga (se conhecesse Mutantes na época, acharia que era deles). A música tocava quase todos os dias por volta de meia noite, mas nunca conseguia saber o nome da banda devido a programação sem locução da radio durante a madrugada. Depois de várias tentativas, consegui gravar a canção completa e fiquei ouvindo repentinamente, e aquilo que me parecia antigo passou a parecer vanguarda, aguçando ainda mais a minha curiosidade pra saber o nome da banda. Por sorte, numa tarde "peguei" o finalzinho da música e o locutor dizendo "ouvimos aí Pato Fu com *O Mundo Ainda Não Está Pronto*". Adorei o nome da música, e estranho, o nome da banda.

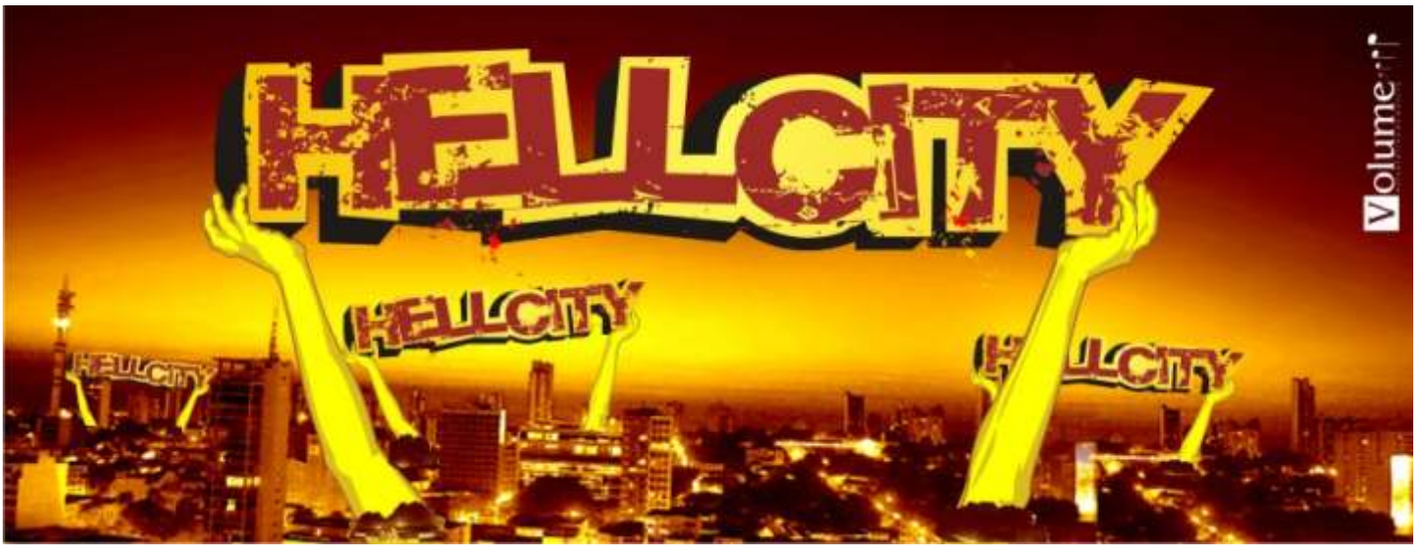
Conheci as outras músicas do disco num especial do programa Cult 22 da radio Cultura. Rolou quatro músicas, que me bastaram para mudar meu conceito musical: *Meu Pai, Meu Irmão*, *Rotomusic*, *O Processo De Criação* e *O Mundo Ainda Não Está Pronto*. Ouvi essa fita muitas vezes seguidas, prestando atenção nos instrumentos, vocalizações e no que diziam ser os 128 japoneses. Fiquei enlouquecido! Querendo ouvir o resto do disco. Querendo que meus amigos escutassem aquela "gororoba musical" como diziam.

Só pude ter acesso a todas as músicas em 1994, com um professor de artes que curtia muita música alternativa nacional. Naquele ano eu me acabei de ouvir o Rotomusic. Todas as bandas nacionais que gostava ficaram miúdas perante a sensacional maneira com que os "patos" deixavam os meus ouvidos. Pra mim aquilo era rock sem medo de não ser rock (o que deixava a banda mais rock ainda).

Ae Gurizada. De boa?

Estamos no final do mês de Março e Abril vai ser o mês da Cultura aqui Cuiabá. Olha só o que rolou: a Prefeitura decidiu não só promover um evento de aniversário da cidade (dia 08) mas sim uma série de eventos que vão rolar durante todos os dias de abril. Chamou os principais grupos culturais nos segmentos de teatro, música, artes plásticas, literatura... Para compor uma programação patrocinada pelo governo municipal. E é daí que tudo começa. Nós da Volume – Voluntários da Música, transferirmos o Prêmio Hellcity da Música Independente Mato-grossense para outro lugar, agora será no Museu do Morro da Caixa D'água Velha no dia primeiro do mês. Para quem não sabe o Prêmio, que está em sua primeira edição, destaca a produção autoral feita em Mato Grosso em 15 categorias, que vão desde produções audiovisuais até casas de shows, com indicados escolhidos por uma curadoria composta pelos principais jornalistas, produtores e agitadores da cena da música em Cuiabá e que foi posto em votação pela internet, tendo encerrado dia 20 de Março com mais de 800 votos validados. O outro projeto, *Aumente o Volume na Praça*, vai colocar bandas da cidade em quatro finais de semana seguidos, sempre em praças escolhidas pela prefeitura. E finalmente no aniversário, dia oito, tem a *Revirada Cultural*, que vai levar para a Acrimat (agora Jonas Pinheiro) 24 horas de oficinas, shows, workshops, cursos e palestras. Bandas como Racionais MC's e Macaco Bong, passando por Wanessa Camargo e os sertanejos Diego e Diogo. Oficinas de zine, web rádio, blog, interpretação teatral, monte sua banda (prática de conjunto), desenho e por aí vai. No final do mês tem a o último evento produzido em conjunto pelas entidades culturais, a *Cuiabá Sinfônica*. Nesse projeto, idealizado também pela prefeitura, as principais bandas (e/ou artistas) do estado se apresentarão no dia 26 com a Orquestra Sinfônica da UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso, bandas como Macaco Bong (fusion), Erre Som (lambadão), Vanguart (folk-rock), Ebinho Cardoso (mpb) e Cururu e Siriri tocarão com a sinfônica em novos arranjos e com temática orquestral. Todos esses eventos terão entrada gratuita e tem classificação etária livre. Mais que isso, ainda teremos a re-inauguração da Casa Fora do Eixo, o 4º Riff Rock Fest e mais um monte de atividades musicais rodando a cidade,que por si só já respira cultura. Na próxima edição vou falar de como tudo isso rolou, ate lá. Como diria o Musum: - fúizes...

Dewis Caldas.



o dia já vem raiando meu bem...

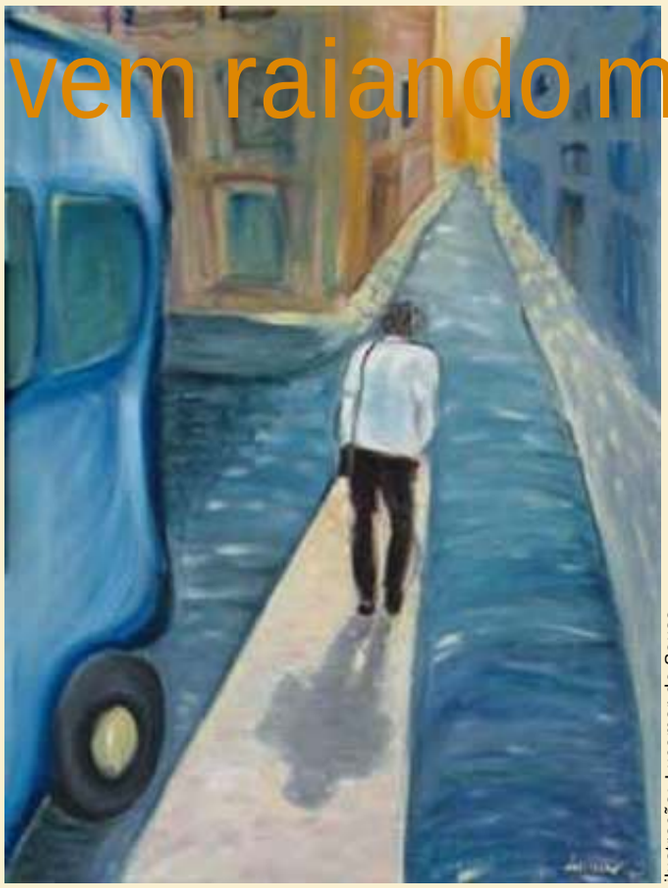


ilustração: Lucemar de Sousa

Georgiana Calimeris

E eu tenho que ir embora! Quando a partida se aproxima, o coração se aperta no peito. A gente tenta entender as milhões de razões para ir, desejando ficar para sempre nos espaços que nos abrem portas e escancararam janelas. Sinto como se estivesse com uma trouxa nas costas, olhando para trás com tristeza, deixando o velho e bom lar, e enfrentando o mundo para desbravá-lo na esperança de encontrar uma luz acesa ao voltar para casa... pois, espero, um dia, poder voltar e lhes encher a paciência com textos non-sense e palavras desconexas.

Fico pensando, às vezes, que a vida se assemelha a um ônibus. Coisa mais clichê, mas vamos lá! Dentro do ônibus, pessoas entram e saem. Com algumas trocamos sorrisos, outras nos fecham a cara. Eventualmente, descemos nas mesmas paradas. Outras descem antes. Outras depois. Assim, o ônibus segue como a vida. A minha cruzou a sua e espero ter feito um pingo de diferença com os pensamentos perdidos nessas linhas. Já me perco agora sem me fazer entender direito, pensando em tantas coisas diversas ao mesmo tempo. Desde meu trabalho atual, como instrutora de yoga, até sobre a educação humana e suas bases. Nesses anos, aprendi a ter paciência com os textos, pois nem sempre eles saem redondos. Tem os dias milagreiros em que eles aparecem pronto. É só deixar os dedos fazerem tap tap no teclado e lá estão as palavras coordenadas perfeitamente, fazendo algum tipo de sentido. Em outras vezes, me sento frente a tela branca como se ela fosse uma boca com dentes a me devorar. Antigamente dizia-se de uma folha em branco, hoje é a tela que assume o papel algoz de dizer: decifra-me ou devoro-te. Enfim, muitas vezes fui devorada ao tentar embalar uma crônica nesse espaço capaz de me transportar a memórias infinitas da vida, a buscar no arquivo uma situação para entreter vocês, leitores. Aliás, não teria que entreter apenas os leitores (que espero que sejam uns vinte fiéis, tá bom, pode ser menos), mas tem a tarefa de também encantar quem decide sobre os textos.

Enlevar um editor é uma árdua tarefa para qualquer um de nós que almeja ser publicado até porque aqui o profissionalismo é uma das coisas que mais se conta. Tem-se lá seus embates ideológicos como se é normal e inerente ao ser humano. Mas também é um espaço democrático e feliz como se todos comungassem em harmonia no desejo de ver nossos trabalhos sempre em novos patamares e é o que vem acontecendo cada vez mais a medida que o tempo passa.

Este é um espaço democrático e interessante, um lugar para debate, para o pensamento livre, coisa rara nos dias de hoje. Assim, deixo-os embalados ao som da música: “ai ai ai aiai, está chegando a hora, o dia já vem raiando, meu bem, tenho de ir embora...”. Sendo assim, esperando um dia entrar novamente no ônibus Elebu, desço pela porta e desejando Suahá (está tudo bem, que dizemos no yoga) e despeço-me, nesse momento, com uma palavra que, para mim, exprime um estilo de vida: Namaste (minha alma reverencia sua alma ou o Deus que há em mim saúda o deus que há em você).

lebre branca

Marcelo "Addam" Leite

O quão atrasado ou atrasada você está, nesse exato momento? A pergunta não é retórica. O que preciso saber é o quão longo pode ser esse texto, até que você tenha que simplesmente largá-lo e ir fazer outra coisa. Veja bem, não estou dizendo que você não goste de ler, ou nada do gênero. Acho até que se os seus olhos pararam por aqui, interesse há - e por isso lhe sou grato. Só não quero que se atrase a nada por minha causa.

O fato é que a era contemporânea, da integração e das facilidades eletrônicas não é o que eu via no desenho dos Jetsons. As máquinas e maravilhas robóticas não andam me poupando o tempo e esforço que a televisão me prometia. Nem essa tal globalização, que no meu Ensino Fundamental era um milagre que uniria a todos e durante a universidade se tornou um vilão que nem Super-Homem vence. Ao invés de um desenho dos anos 80, o que vivemos é um conto de 1865. Não somos a família do futuro em seu carro voador, cruzando os céus. Somos lebres brancas, com o relógio na mão, correndo atrasados para dentro de buracos estranhos. E ai da tal Alice, se achar que tem tempo de nos seguir para ver no que dá.

Outro dia, atrasado entre um cliente e outro, caí dentro do primeiro táxi vazio, disse o endereço e complementei, falando comigo mesmo (mas querendo que o motorista ouvisse): "Já estou tão atrasado". Demorei pouco para notar como aquilo podia ter soado grosseiro e corrigi-me: "Mas olha, a culpa disso é minha. Sei que o senhor nada tem a ver." O resultado foi um sorriso animado, toda uma conversa sobre quantos acham que seus atrasos são problemas dele e a corrida Botafogo-Tijuca mais rápida da minha vida. Aparentemente, ele fez questão de não deixar eu me atrasar mais.

Em um ensaio sociológico, Edgar Allan Poe uma vez escreveu algo curioso, a esse respeito. Propunha, na primeira metade do século XIX, que a modernidade gerava uma nova maneira do homem ver o tempo e lidar com ele. Escreveu isso ao observar a proliferação de relógios de bolso entre os cidadãos londrinos. Talvez tenha sido esse ensaio seu maior conto de terror, afinal. Propor um mundo em que as pessoas cada vez mais seriam escravas dos ponteiros. Penso no que ele teria imaginado, para a toca do coelho onde caiu Alice. Mas talvez eu esteja divagando demais.

Considere o quanto esbarrar com um velho conhecido que você possivelmente não via há anos se tornou pouco mais do que: "Oi, fulano! Quanto tempo! Vamos marcar alguma coisa." Prolongando-se disso, talvez se chegue a ótimos 20 minutos de conversa e, depois, só Deus sabe quantos outros anos sem se verem novamente. Curiosamente, a conversa mencionada será 80% de colocações sobre como e por que vocês não andam com tempo para se ver mais. Nos outros 20%, uma lista das pessoas que os dois nunca mais viram, em comum e pelo mesmo motivo: tempo. Ah, e já estava claro que a "alguma coisa" a se marcar dificilmente viria, ocupados como os dois têm estado. E não estamos todos?

Aliás, que me perdoe o leitor ou leitora... mas agora eu estou atrasado. E você, possivelmente, também. Presos entre Carroll e Poe. Somos lebres e nossos relógios de bolso.

resgate à leitura

Rúbia Cunha

Brasileiros são estigmatizados por não possuírem o hábito da leitura. Muitas vezes observamos no dia-a-dia, aqueles que têm por hábito ler apenas trechos de jornais ou de revistas, sem chegar ao conteúdo completo do que adquiriram. “A pessoa com um material de leitura à sua disposição e que deixa de ler, perde uma grande oportunidade de conhecimento e entretenimento”, pondera o escritor Laé de Souza, que coordena diversos projetos de incentivo à leitura.

A forte resistência encontrada para este hábito se inicia logo cedo. Professoras de escolas e até mesmo apresentadores, como Luciano Huck, percebem a dificuldade crescente nas crianças e jovens, que não se lembram das pequenas diferenças entre homônimos ou o significado da origem dos termos utilizados nos textos. Muitas vezes isso tende a aumentar devido à intimidação de tirar dúvidas com amigos ou com o dicionário. Some essas barreiras à quantidade de pessoas que buscam filmes dublados pela simples preguiça de ler as legendas. Elas alegam que as letras passam rápido demais. Quando o problema não é a legenda, é a preferência de ver o filme do que ler o livro.

Uma possível razão para a baixa popularidade da leitura é a dificuldade em enfrentar livros de escrita rebuscada ainda quando se é jovem por uma imposição. “Colocar nas mãos de um jovem não habituado à leitura uma obra de difícil compreensão poderá ter efeito contrário, afastando-o definitivamente dela. Temos várias alternativas, chamando a atenção do jovem, portanto é preciso um texto atraente para fazê-lo descobrir o prazer de ler.”

A preocupação com o déficit educacional e contra slogan que estigmatiza os brasileiros, levou Laé de Souza a lançar projetos de incentivo à leitura. O primeiro em 1998, Encontrando com o Escritor, teve um início singelo, onde livros escritos por ele eram emprestados aos alunos, que desenvolviam atividades e participavam de uma palestra. Mas tal projeto encontrou limitações de tempo, para o atendimento de todas as escolas que incluíam as palestras. Sem desanimar, o escritor lançou Ler é bom, experimente!. “Os alunos recebem os livros como doação, questionários, desenvolvem textos e são premiados com outras obras de minha autoria.” Alcançar apenas as escolas ainda é pouco para o escritor que deseja muito mais. “Fomos aos parques, hospitais, praças. Hoje, já são dez projetos de incentivo à leitura, sendo o mais recente, Leitura não tem Idade, dirigido a grupos de terceira idade.”

Na busca também pelo estímulo à criatividade, os projetos criados por Laé de Souza iniciam com os alunos da 6ª série do Ensino Fundamental. Há um crescente interesse em atender crianças no processo de alfabetização e a expectativa é que eles atendam 500 escolas públicas em todo o país ainda neste ano. “A grande dificuldade sempre foi de recursos financeiros, que limita a possibilidade de atendermos um número

maior de pessoas. Hoje, com o que conseguimos, tento recuperar os jovens a partir dos 11 anos, com uma leitura atraente e um método que os estimule ao hábito da leitura. Mas tenho também o objetivo de atender no futuro as crianças". Tal interesse se deve por notar que elas estão mais sagazes e desde cedo mostram interesse pela área da informática e jogos avançados, como Wii, PS3, X-Box 360 e tantos outros mais. Só que o desvio de atenção para essas áreas tem as afastado do hábito da leitura e da escrita. Não é de se espantar, a preocupação dos professores quando encontram em suas mãos redações de três ou seis linhas ao máximo, assim como não se surpreendem ao ver que eles buscam livros finos e de rápida leitura. São até capazes de pegar livros de receita para evitar resenhas necessárias que precisam enfrentar, ou livros de poesia em que escolhem apenas uma para comentários em uma ficha literária entregue como dever de casa.

É por esses problemas e outros mais que iniciativas como as de Laé vêm sendo bem vistos e aceitos pela sociedade. "Tenho encontrado grandes parcerias, que conduzem bem os meus projetos. As pessoas se encantam com o resultado. Muitas não acreditam que livros são emprestados sem controles. É maravilhoso, ver tantas pessoas lendo em uma viagem e confessando que descobriram, com a leitura de uma obra minha, o prazer de ler. Assim como conheço o Parada Cultural (projeto brasiliense que estimula a leitura nas paradas de ônibus) e acho a iniciativa excelente. A biblioteca estática, aguardando o leitor, é um método ultrapassado. É preciso criar a facilidade da leitura e ir à busca de leitores. A experiência nos aponta que é possível formá-los, pois a leitura nos mostra um mundo diferente. Traz-nos conhecimento, nos faz conhecer lugares, pessoas, comportamento e nós mesmos."

Sendo assim, não estranhe quando alguém insistir o quanto é importante ter prazer na escrita, e também na leitura. Muitas vezes, pelo simples fato de não ler um fanzine por inteiro, você pode estar perdendo uma grande oportunidade de conhecimento e entretenimento, como já dito por Laé de Souza. Você também poderá estar perdendo a chance de conhecer palavras, pessoas e lugares novos.

"Estimular a prática da leitura por prazer é o segredo", finaliza o autor. Quanto a mim, deixo a simples pergunta do dia:

- Você já leu seu Elebu todo?

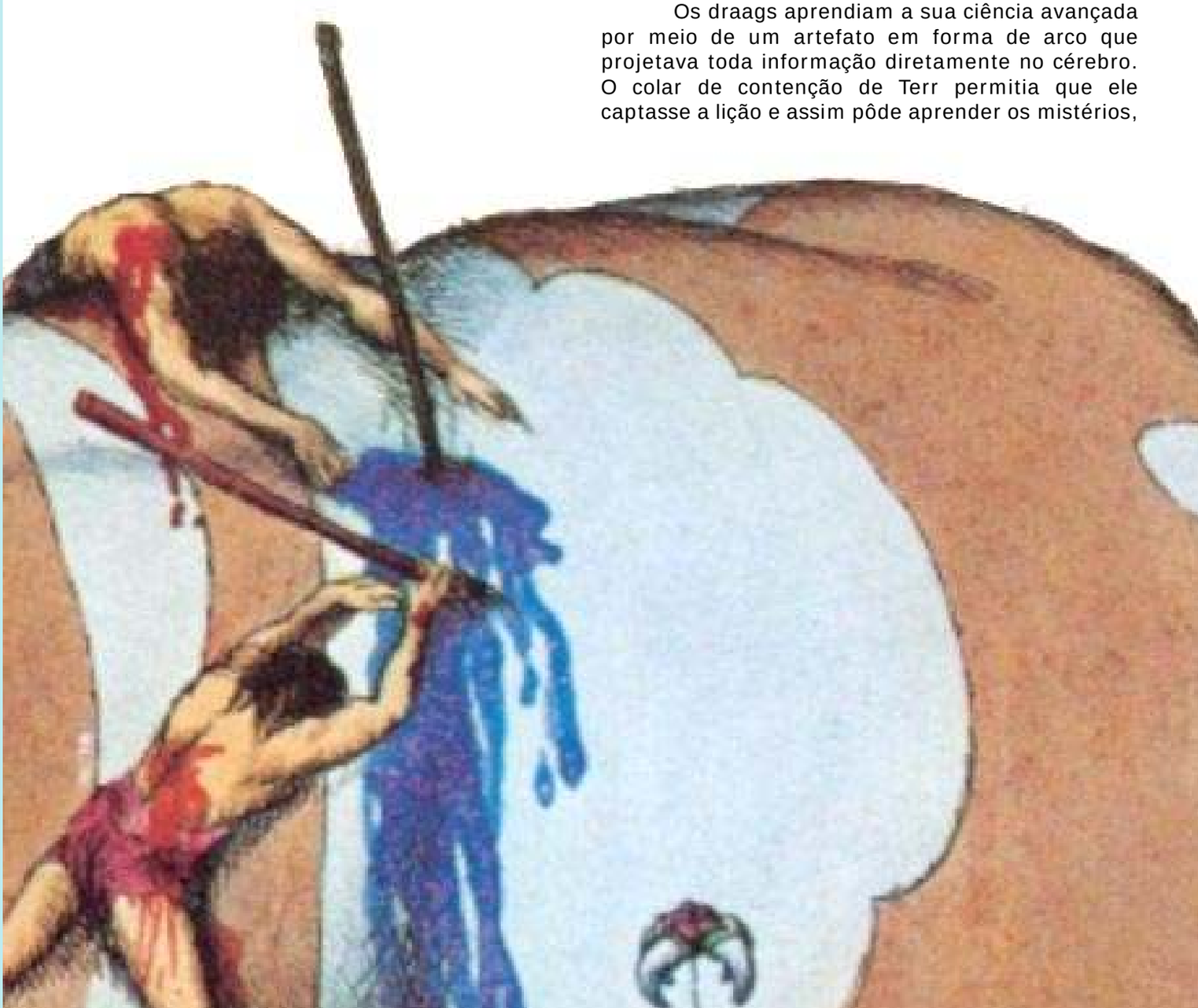
Projetos de Leitura: www.projetosdeleitura.com.br

como as formigas

Cachorro pode ser domesticado, o gato mais ou menos, outros bichos são condicionados e encarcerados, mas dizem porque são de estimação. E o homem? Pode ser domesticado? A resposta é não. Pode ser condicionado de alguma forma, e até mesmo encarcerado. Mas o desejo de liberdade que sempre vai impulsioná-lo a procurar brechas para o escape. É assim na história. Escravos sempre buscam a liberdade, e presos um meio de escapar. Os Draags aprenderam essa lição pagando um preço alto. Inventaram de levar alguns seres humanos, que chamaram de oms, para Ygam, o planeta deles. A Terra se encontrava numa situação pós-apocalíptica e os seres gigantes azuis de olhos esbugalhados vermelhos sem pálpebras quiseram ajudar. Acharam que o homem daria um bom bichinho de estimação. Não sabiam que uma semana da vida deles correspondia um ano da humana. Eles ficaram admirados quando viram seus animaizinhos crescerem rápido, se reproduzir na mesma proporção e até fugir para formar sociedades selvagens e livres num planeta surreal.

Terr foi um desses oms de Ygam. Nasceu selvagem até sua mãe ser morta por um grupo de crianças draags que faziam brincadeiras da mesma forma que se faz com insetos. Ele sobreviveu e foi adotado por Tiva, uma draag criança. Recebeu um colar de contenção e assim começou o processo de tentativa de domesticação. Terr virou boneca onde a menina gigante vestia roupas, fazia uma chuva de ração, brincava de casinha e ocasionalmente ainda o colocava para brigar com outros oms domesticados. Tiva amava muito o seu bichinho e gostava de segurá-lo inclusive quando estudava.

Os draags aprendiam a sua ciência avançada por meio de um artefato em forma de arco que projetava toda informação diretamente no cérebro. O colar de contenção de Terr permitia que ele captasse a lição e assim pôde aprender os mistérios,



a cultura e todo o conhecimento dos gigantes azuis. Ele conseguiu fugir com o arco ajudado por uma oms selvagem tão jovem quanto. A menina o levou até a sua tribo e, a partir dali, foi dado início a uma revolução.

Os selvagens aprenderam ciência por meio do arco e passaram a se organizar melhor, a roubar a comida dos draags com mais seleção, a ler a sua escrita. Isso assustou os gigantes azuis. Decidiram procurar e exterminar todos assim como se faz com os ninhos de formiga escondidos entre portas, azulejos e qualquer outra fresta da casa. Só preservariam os domesticados e mesmo assim com ressalvas. Ingênuos. Declararam guerra aos oms sem saber que aquela criaturinha frágil foi o animal que dominou o planeta natal deles, a Terra, desde as sociedades tribais.

Para saber o final dessa história assista O Planeta Selvagem (*La Planète Saugave - França/Tchecoslováquia, 1973*), animação dirigida por René Laloux com base no livro *Oms en Série* de Stefan Wul. A produção ganhou o prêmio especial do júri do Festival de Cannes de 1973 de forma merecida. Venceu barreiras que dizem que animações e ficção científica são obras menores no cinema com um trabalho belo de produção praticamente artesanal. Cada quadro foi pintado à mão dos quadros de 2D. A dinâmica e movimentação na tela são rudimentares (imagine um desenho dos anos 80 tipo He-Man), não chega perto da técnica dos desenhos da Disney. Mas o fator fantasia e outros componentes, como o roteiro e a trilha sonora, fazem o diferencial tornando assim *O Planeta Selvagem* uma referência àqueles que fazem animações para audiências crescidas. O grande mérito da história é explicar menos e deixar a imaginação fluir, em especial no trato da tecnologia dos draags, sistema político e religiosidade. Ainda assim há como encontrar diversas semelhanças entre os gigantes e as sociedades selvagens dos oms, o que leva a conclusão de que nu fundo as duas espécies são iguais. Apenas se encontram em situações distintas.

O Planeta Selvagem não mostra uma conclusão quadrada para o conflito. O futuro entre os oms e os draags fica em aberto onde a paz entre os dois vai depender de até quando as duas espécies de características dominantes puderem co-existir. É uma metáfora típica da Guerra Fria, mas não é a única maneira de se interpretar o filme na tentativa de trazê-lo para a atualidade. Hoje a imigração não começa a ser um problema para muitos países? São os oms buscando seu espaço na cidade cheia de possibilidades e fartura dos draags.

deus e o diabo

O *Heresias* é um projeto de Danilo Vespa que ainda está sendo organizado. As primeiras tiras surgiram há quatro anos, feitas de rascunhos em cadernos, largados ao lado do computador no escritório onde trabalhou. Ele tinha rabiscos feitos com uma caneta vermelha, que era o que estava mais à mão. As primeiras tiras foram publicadas no fotolog www.fotolog.net/bardo666 (vale conferir para conhecer um pouco mais do trabalho). Foi oferecido a ele um espaço no site Botecomics, mas sem tempo de atualizar de acordo, Danilo Vespa pediu para se retirar há três anos.

Para o nosso divertimento, no começo deste ano, houve uma retomada das antigas tiras do Heresias e, assim, começou um novo site: www.heresias.org

Dessa forma, podemos nos deliciar com o Bardo, intermediando diálogos entre Deus e o Diabo. Há convidados especiais como Freud e o Jacaré Azul. As tiras são divertidas e leves, sem questionamentos profundos, mas, com críticas mordazes como nas sequências dos anos 80 em que os personagens são transfigurados para a época, tendo que usar de um pouco de sapiência divina para poder voltar ao normal. O site será atualizado quando o Vespa tiver tempo, afinal, não dá para viver de fazer tiras, no momento. A tentativa de atualização é de duas vezes na semana. Fique atento, pois, estamos vendo surgir um novo hit no mundo das tirinhas. (*Georgiana Calimeris*)

O Diabo trouxe o inferno à Terra, fazendo-a voltar aos anos 80

Que horror, que horror! Tenho que buscar ajuda e salvar o mundo!

Ei, cara, você viu Jesus?

Eu sou Jesus.

JESUS? É você?? Porque essa pinta de Robert Smith?

Você pensa que os anos 80 foram uma fase esquisita só pra vocês?

O Diabo trouxe o inferno à Terra, fazendo-a voltar aos anos 80

Poutz! Jesus não pode ajudar porque também está preso aos anos 80.

Felizmente ele me deixou o endereço do Messias responsável por esta década.

Querido McGyver...